



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
TECNOLOGIA CAMPUS DE  
PRESIDENTE PRUDENTE**

**CINEMA NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A LEI 13.006/14 E A  
FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA NA FCT/UNESP**

**JUCIMARA PAGNOZI VOLTARELI**

Presidente Prudente/SP  
2018

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA FACULDADE DE  
CIÊNCIAS E TECNOLOGIA CAMPUS DE PRESIDENTE  
PRUDENTE**

Cinema na Escola: Reflexões sobre a Lei 13.006/14 e a formação de professores de Geografia na FCT/UNESP

Jucimara Pagnozi Voltareli

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Campus de Presidente Prudente, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Benito Oliveira Ferraz

Presidente Prudente/SP  
2018

**DECLARAÇÃO**

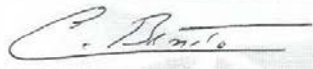

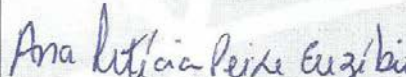
JUCIMARA PAGNOZI VOLTARELI, RG. nº 48.762.945-0, cumpriu sob minha orientação, 180 horas de Estágio Supervisionado e Trabalho de Graduação do Curso de Bacharelado em Geografia, desta Faculdade.

Título de Monografia: **"CINEMA NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A LEI 13.006/14 E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA NA FCT/UNESP"**.

A Monografia foi apresentada, em defesa pública, no dia **11 de Janeiro de 2018**, às 16h00, na Sala do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas.

Após as arguições e defesa do(a) candidato(a), foi atribuído a nota 9,0 (Nove).

Presidente Prudente, 11 de Janeiro de 2018.

BANCA AVALIADORA	ASSINATURAS
Prof. Dr. Cláudio Benito Oliveira Ferraz (Orientador)	
Me. Fernanda Tiosso Samapio Gonçalves	
Ana Letícia Peixe Euzébio	

Dedico esse trabalho aos meus pais.  
Os mais importantes.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais. Rosângela, minha mãe, que passou esses cinco anos de graduação tentando entender que “bulhufas” que eu estou fazendo, e se empolgando a até voltar a estudar, muito obrigada; e a Expedito, meu pai, que apesar de todas as dificuldades me proporcionou a possibilidade de estudar.

Agradeço à minha irmã Juliana, meu cunhado Tiago, e a minha sobrinha Sarah, que quando publicar este texto ainda não saberá ler, mas quero que saiba que me proporcionou muitas distrações desse mundo louco, e me deu muita alegria desde seu nascimento.

Agradeço também ao Marcello que me ouviu e me apoiou esses anos. Ajudando-me nos momentos mais difíceis, e sendo minha companhia nos melhores.

Agradeço também aos meus bichanos, principalmente à Frida e o Miranda, mas sem esquecer-se da Antônia e do Amarelo, por compartilharem de sua tranquilidade e companhia nas horas e horas de estudo. (Que por sinal, estão comigo no momento que escrevo esse agradecimento).

Agradeço aos meus psicólogos, Waldir e Maria, por me escutar nos piores momentos, e me ensinarem a olhar mais para mim; e a todas as meninas da terapia em grupo.

Agradeço a todos os professores, amigos e colegas da FCT, que de alguma maneira irão fazer parte da minha vida. Principalmente à Mariana por toda a sinceridade.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas (GPLG) e todos os seus membros; principalmente ao professor Dr. Claudio Benito O. Ferraz, por todas as conversas e parcerias.

Agradeço também à banca, Fernanda e Ana Letícia. Ana que foi minha parceira de entrada no GPLG. Embarcamos nessa loucura juntas!

**Muito Obrigada!**

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a lei 13.006/14, que obriga a exibição de filmes nacionais por duas horas mensais nas escolas de ensino básico e como ela é abordada pela formação de professores de geografia do curso de licenciatura da FCT/UNESP através de resposta de um formulário. Também a visão desses futuros professores quanto à pertinência da linguagem cinematográfica no processo de formação, e também a relevância do cinema nacional para questões culturais do próprio brasileiro, para o melhor trabalho com cinema dentro do ensino de geografia. Concluindo assim que este trabalho deve ser a partir de capacitação desses professores em cursos sobre cinema, para uma melhor leitura cinematográfica, que permite a criação de novas geografias através do encontro com essas linguagens.

## PALAVRAS-CHAVE

Formação de professores; Cinema; Ensino; Geografia.

## ABSTRACT

This work aims to discuss the law 13.006/14, which requires the display of national films for two hours per month in primary schools and how it is approached by the training of geography teachers of FCT/UNESP undergraduate course through response of a form. And the vision of these future teachers as to the pertinence of the cinematographic language in the process of formation, and also the relevance of the national cinema to cultural questions of the Brazilian itself, for the best work with cinema within the teaching of geography. And if this work should be from training these teachers in courses on film, for a better cinematic reading, which allows the creation of new geographies through the encounter with these languages.

## KEYWORDS

Teacher training; Cinema; teaching, Geography.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Instituição onde os professores da Rede de Presidente Prudente cursaram a licenciatura.....	11
Gráfico 2 – Gráfico sobre as leituras e cursos sobre cinema dos professores.....	12
Gráfico 3 - Pretensão do uso de filmes nas aulas dos alunos de Geografia .....	27
Gráfico 4 - Curso de cinema dos alunos de Geografia.....	28
Gráfico 5 - Pretensão dos alunos de Geografia em fazer curso sobre cinema.....	28
Gráfico 6 - Questão sobre o trabalho dos professores da graduação com filmes.....	30
Gráfico 7 - Objetivos do trabalho com cinema dos professores da graduação .....	30
Gráfico 8 - Sobre a necessidade de cursos sobre cinema na universidade .....	32

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - LEI 13.006/14: O PENSAR.....	15
CAPÍTULO II - CINEMA E ESCOLA.....	21
CAPÍTULO III - CINEMA E GEOGRAFIA DA FCT/UNESP.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	34
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO .....	37
REFERENCIAL FILMOGRÁFICO (em ordem cronológica) .....	40

## INTRODUÇÃO

*“Be excellent to each other and party on, dudes!”*<sup>1</sup>

*(Bill & Ted's Excellent Adventure - 1989)*

Este trabalho é o resultado das atividades efetivadas no interior do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas (GPLG), vinculado ao Departamento de Educação da FCT/UNESP; o GPLG tem como um de seus objetivos a discussão entre os encontros das linguagens artísticas (como a cinematográfica) com as linguagens científicas (no caso a geográfica) através de leituras filosóficas que nos possibilitam experimentar novos pensamentos para o ensino de geografia. O GPLG é um dos Polos da Rede “Imagens, Geografia e Educação”<sup>2</sup>, que tem como perspectiva fundamental trabalhar as possibilidades imagéticas, em especial as cinematográficas, na geografia e no ensino.

Nossa preocupação é com o plano da ciência, mas não a partir da ideia de ciência uniformizadora, generalizante do pensamento arbóreo e representacional, mas de uma ciência que estabeleça intercessores com os planos da arte e da filosofia na direção de poder criar novos pensamentos espaciais a partir das e com as imagens (OLIVEIRA JR, FERRAZ, GIRARDI, 2013, p.14).

No ano de 2016, a Rede foi instigada através da lei n. 13.006/14 a elaborar um estudo que abrangesse todos os seus Polos, visando levantar informações quanto a aplicabilidade dessa lei e como ela está sendo recebida nas escolas. A Lei n. 13.006/14 acrescenta o inciso 8º ao art. 26 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional), o qual coloca a obrigatoriedade de exibição de duas horas mensais de cinema nacional em todas as escolas brasileiras. Diante disso, a Rede sentiu a necessidade de melhor mapear como as escolas, localizadas nos municípios e bairros próximos aos Polos, estavam lendo ou se preparando para o trabalho com o cinema.

Para a realização dessa pesquisa em Rede, foi elaborado um questionário (vide anexo I), cabendo a cada Polo aplicar no maior número possível de professores, de preferência de geografia, enviando as respostas para o centro de tabulação localizado na UNICAMP.

---

<sup>1</sup> Tradução livre: “Sejam excelentes uns com os outros, e festeje, cara!”

<sup>2</sup> Essa Rede articula uma série de Polos, sediados em Centros Universitários ou Escolas do Ensino Básico tanto no Brasil quanto no exterior: Vitória (UFES-ES), Florianópolis (UDESC/Escola de Aplicação da UFSC-SC), São Paulo (USP-SP), Campinas (UNICAMP-SP), Presidente Prudente (UNESP-SP), Dourados (UFGD-MS), Uberlândia (Escola Aplicação da UFU-MG), Guimarães/Porto (Universidade do Minho em Portugal), Córdoba (UC-Colômbia), Tandil/Buenos Aires (UBA Argentina). Mais detalhes, acessar <http://www.geoimagens.net/>.

Para o desenvolvimento da referida pesquisa no Polo Presidente Prudente foram pensadas duas estratégias.

A primeira foi a elaboração de um projeto de extensão denominado “Capacitação de professores e funcionários do ensino básico para o trabalho com cinema nacional na escola pública municipal de Presidente Prudente”, o qual foi aprovado com uma bolsa de extensão para desenvolver o referido projeto (CANDEU, 2017).

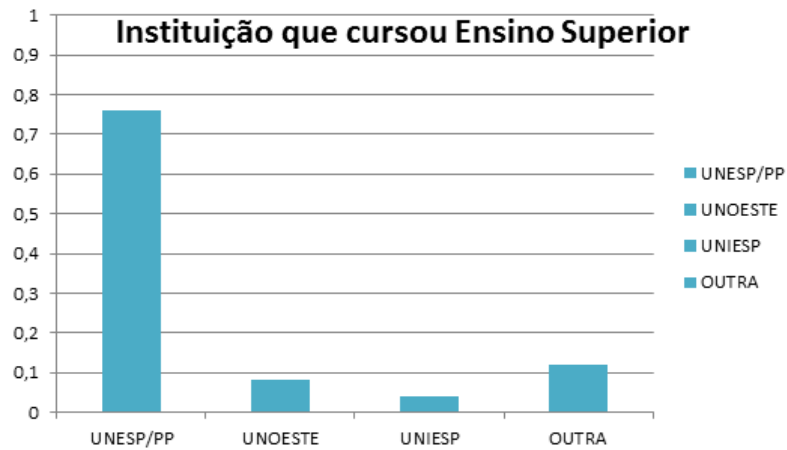
A segunda estratégia foi o uso dos alunos matriculados em Prática de Ensino IV – Estágio Supervisionado, como forma de levar os questionários aos professores para os mesmos responderem<sup>3</sup>. Dos 73 questionários aplicados, 36 professores responderam, e esses dados foram passados para a central na UNICAMP e analisados pelo bolsista de extensão a partir da especificidade da região de Presidente Prudente.

Foi a partir dessa pesquisa da Rede e das análises da especificidade de Presidente Prudente feitas pelo bolsista PROEX que o trabalho aqui por nós realizado se coloca como o desdobrar necessário. Um dos elementos que o relatório de Candeu (2017) destacou apontava para o fato que a maior parte dos professores de geografia do ensino básico da região de Presidente Prudente foram formados na FCT/UNESP, campus de Presidente Prudente.

### **Gráfico 1 - Instituições onde os professores de Geografia do ensino básico de Presidente Prudente cursaram licenciatura.**

---

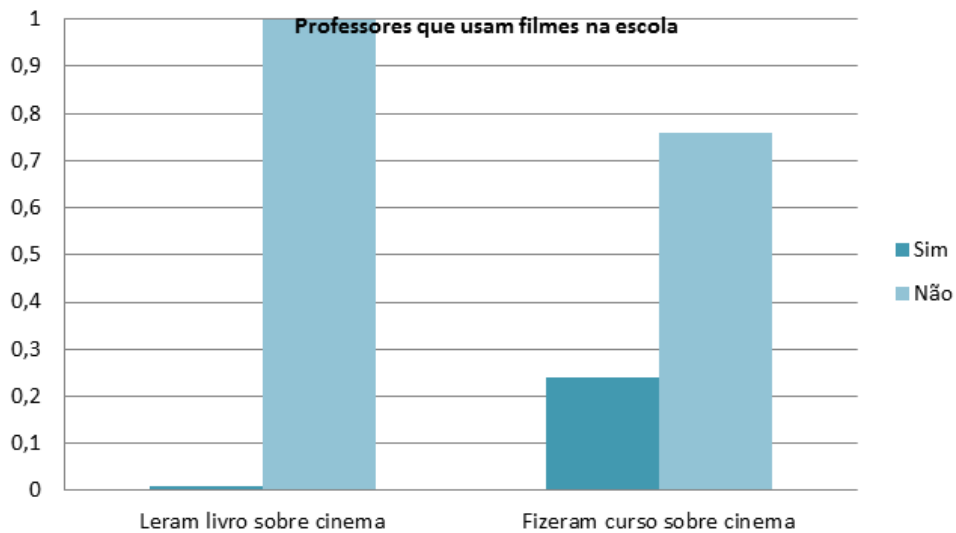
<sup>3</sup> Prática de Ensino em Geografia IV é disciplina obrigatória do curso de Licenciatura em Geografia. É oferecida no quarto ano do curso. No ano de 2016, haviam 77 alunos matriculados entre os períodos matutino e noturno. Após as explicações da necessidade de se levantar informações sobre as condições em que as escolas da região, públicas e particulares, tanto do fundamental (primeiro ao nono ano) quanto do ensino médio, os estagiários aplicaram os questionários, mas os professores não eram obrigados a responderem. Dos 73 aplicados, 37 foram respondidos e posteriormente analisados pelo bolsista do projeto de extensão (CANDEU, 2017).



Fonte: CANDEU, 2017.

Ao mesmo tempo, os dados também apontavam que a maioria desses professores não tinham nenhuma formação ou experimentação mais fundamentada no trabalho com as imagens cinematográficas.

**Gráfico 2 – Gráfico sobre as leituras e cursos sobre cinema dos professores.**



Fonte: CANDEU, 2017

Diante disso, delimitamos nosso campo de pesquisa e objetivos da mesma, pois tornava-se necessário analisar as condições que o curso de Licenciatura em Geografia da FCT/UNESP se encontra quanto ao trabalho com a linguagem cinematográfica no contexto

de formação e capacitação dos profissionais em ensino de geografia. E também qual a visão dos professores e alunos do curso de licenciatura em geografia quanto à pertinência da linguagem cinematográfica no processo de formação, e como isso reverbera no ensino.

Estabelecido esses parâmetros de pesquisa, passamos a levantar os elementos necessários para desenvolvê-la. Por um lado, fizemos leituras que melhor nos fundamentassem na abordagem com a linguagem cinematográfica, principalmente no que se refere o trabalho do cinema na escola com o ensino de geografia (FERRAZ, 2012; 2013; OLIVEIRA JR, 2013; BARBOSA, 2017). Passamos também a ler artigos e livros que discutissem e problematizassem os vários aspectos da aplicabilidade, necessidade e limites da lei 13.006/14 (FRESQUIET, 2015; BERINO, 2015; FRETAS, 2015). Contribuíram também as leituras, reuniões e debates ocorridos no interior do GPLG, principalmente do contato com os demais trabalhos desenvolvidos que discutem os vários aspectos da linguagem cinematográfica e a geografia (EUZÉBIO, 2017; VOLTARELI, 2016; CANDEU, 2017; SILVA, 2017) que também foram enriquecedores possibilitando assim o que aqui se desdobram nesse texto final.

Por outro lado, elaboramos um formulário (vide Anexo II) a ser aplicado nos alunos do curso de licenciatura em geografia da FCT/UNESP. Esse questionário visava ter dados mais amplos sobre o grau de entendimento que o curso possui, quanto à importância da linguagem imagética do cinema para a formação do professor de geografia, assim como da adequação do curso para melhor capacitar os futuros professores no trabalho com o cinema na escola, de maneira a atender a aplicação da referida Lei.

A partir desses resultados, iniciamos a discussão em relação aos futuros professores de geografia em formação na FCT/UNESP. Para isso conseguimos as respostas de 40 alunos<sup>4</sup> da graduação em Geografia através de um formulário online<sup>5</sup>. Com a decorrência da análise desses dados e das leituras realizadas, passamos a redigir nossas observações que aqui apresentamos da seguinte maneira: o primeiro capítulo chamado “Lei 13.006/14: O Pensar” teremos uma discussão sobre a lei 13.006/14, suas perspectivas, dificuldades e aplicações; o segundo, chamado “Cinema e Escola” teremos uma discussão sobre a questão do cinema e como esta se mostra na escola com novos padrões cinematográficos e suas técnicas, e também quanto ao interesse dos alunos pelo cinema; e o terceiro chamado “Cinema e Geografia na FCT/UNESP” são nossas análises quanto ao

---

<sup>4</sup> O numero de estudantes foi aqueles que tiveram a disponibilidade de responder o questionário.

<sup>5</sup> O formulário foi elaborado através do site <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>

questionário aplicado aos estudantes de Geografia, e como é a perspectiva deles em relação ao ensino de geografia através do cinema.

## CAPÍTULO I - LEI 13.006/14: O PENSAR

*“Aos olhos de um jovem que vê cinema americano desde pequeno, o filme brasileiro é que é estrangeiro.”<sup>6</sup>*

*(Hélcio Ratton)*

A lei 13.006 de 2014 acrescenta o inciso 8º ao art. 26 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB). A LDB lei tem como objetivo regularizar e organizar a educação brasileira conforme os princípios da constituição, princípios esses de caráter social a fim de democratizar o ensino a todos.

O artigo 26 da LDB exige a abrangência de conteúdos a ver com a diversidade cultural, regional, local e econômica dos estudantes brasileiros. Também está nesse artigo a obrigatoriedade do ensino de artes, língua inglesa, educação física e conteúdos de direitos humanos. E a lei 13.006, adiciona o oitavo parágrafo onde, a partir de sua data de publicação, obriga escolas a exibirem duas horas mensais de cinema nacional aos alunos.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º O art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte § 8º: [...] A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais. (BRASIL, 2014, sem paginação).

Dissecando o artigo 26 qual o inciso faz parte analisa-se a importância de sua obrigatoriedade e de seu desenvolvimento, pois, ainda que a questão de direitos humanos tenha sido debatida constantemente, todos os outros parágrafos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que compõe o artigo 26 estão vigorados em grande parte das escolas, como por exemplo, na implantação das linguagens artísticas e estrangeiras.

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. § 1º Os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil. § 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica. § 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno: I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas. II – maior de trinta anos de idade; III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; IV – amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044,

---

<sup>6</sup> Trecho retirado da crítica do filme “Pequenas Histórias” (2007).  
<[http://www.epipoca.com.br/filmes/press\\_book/17989/pequenas-historias](http://www.epipoca.com.br/filmes/press_book/17989/pequenas-historias)>

de 21 de outubro de 1969 V – (VETADO) VI – que tenha prole. (BRASIL, 2009, sem paginação).

No trecho acima, vemos a importância desse artigo, sendo que o ensino da língua portuguesa e matemática se mostram como prioritário nas escolas, e sua jurisdição que está nessa lei, são cumpridos sem questionamento em todas as escolas brasileiras.

§ 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia. § 5º No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa. § 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo. § 7º A integralização curricular poderá incluir, a critério dos sistemas de ensino, projetos e pesquisas envolvendo os temas transversais de que trata o caput. (BRASIL, 2009, sem paginação).

Já nesse trecho que acabamos de ler, temos a inclusão da língua inglesa como obrigatoriedade, assim como dentro das artes visuais, a dança, a música e o teatro. No parágrafo seis poderia ser abordado a questão cinematográfica, mas apesar de estar subentendida como artes visuais, temos que entender que nesse termo também engloba a pintura e escultura além do cinema. Há também a questão étnica e cultural de formação dos estudantes, essa questão iremos complementar com trechos seguintes.

§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais. (BRASIL, 2009, sem paginação).

Assim, parte-se para a abordagem do § 8º; tal lei será mais disseminada ao longo deste capítulo, então, partiremos para os próximos parágrafos dentro desse artigo.

§ 9º Conteúdos relativos aos direitos humanos e à prevenção de todas as formas de violência contra a criança e o adolescente serão incluídos, como temas transversais, nos currículos escolares de que trata o caput deste artigo, tendo como diretriz a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), observada a produção e distribuição de material didático adequado. § 10. A inclusão de novos componentes curriculares de caráter obrigatório na Base Nacional Comum Curricular dependerá de aprovação do Conselho Nacional de Educação e de homologação pelo Ministro de Estado da Educação. (BRASIL, 2009, sem paginação).

Esse próximo trecho é baseado nas questões de direitos humanos e sobre a inclusão de novos componentes dentro do artigo, tema que não iremos abordar ao longo desse trabalho. Mas é claro, muito importante para o intuito desse artigo que é abordar as diferenças.

Uma questão interessante sobre esse artigo, é que o objetivo dele é abordar diferenciação sobre questões que devem ser introduzidas na escola com a formação da cultura, etnia e direitos humanos, através da história do Brasil, por exemplo, ou o ensino de linguagens como o inglês, português e as artes, e também disciplinas como matemática e educação física.

Grande parte dessas disciplinas ditas no Art. 26 são efetivadas em pelo menos grande parte das escolas brasileiras, porém o § 8º não tem essa mesma disseminação. Ou seja, nossa lei foi adicionada, porém, não efetivada com clareza pelas escolas. Muitas vezes pela falta de informações sobre tal, e outras vezes, por falta de recursos nas escolas.

[...] as condições de recepção dos filmes não são adequadas para a fruição fílmica, devido à falta de espaços específicos com boas condições para a exibição de imagens e boa captação dos sons. Falta ainda uma eficiente manutenção dos equipamentos para as exibições cinematográficas, o que gera interrupções, problemas com o som e a imagem. (FRETAS, 2015, p. 93).

Há autores que estão estudando a lei 13.006/14, com o objetivo de perceber as possibilidades que o cinema nacional trará nas escolas. Muito do nosso trabalho se baseia nos estudos já publicados sobre isso, e é essas questões que iremos abordar nesse capítulo.

Um dos o objetivos da lei 13.006/14, elaborada pelo senador Cristovam Buarque, é sobre a valorização da indústria cinematográfica brasileira, onde ele diz que a liberdade será dada a indústria cinematográfica quando criarmos uma massa de cinéfilos que invadem o cinema em busca de produtos nacionais. (FRESQUET, MIGLIORIN, 2015).

Somos um dos países que mais consome produção musical nacional, 70% do que ouvimos é brasileiro, já no mercado de cinema não conseguimos ultrapassar a média de market share de 14% (AMÂNCIO, CHALUPE, SALVATIERRA, et al, 2015, p. 26).

A partir desse dado, devemos valorizar ainda mais a produção nacional cinematográfica, pois, além de não termos uma lei efetiva de incentivo, em geral há uma problemática, pois o público consumidor não indentifica-se ao ver um filme nacional, logo, não existe os hábitos culturais, sociais e ideológicos dessa prática, fazendo com que não sintam o autorreconhecimento cultural do Brasil, e nos identificarmos. Trazendo essa valorização do cinema, o mesmo criaria um movimento que nos daria o reconhecimento da identidade e da proximidade dentro dos filmes.

A exibição compulsória de filmes nacionais nas escolas de educação básica visa preencher uma lacuna fundamental na formação do educando: o autorreconhecimento em sua cultura local. (AMÂNCIO, CHALUPE, SALVATIERRA, et al, 2015, p. 27).

Pensando sobre a valorização da cultura nacional, teríamos na escola o ato de proporcionar aos alunos a relação da imagem e sons dessa cultura, pois muitas vezes, esse aluno não teve contato com a produção brasileira, ou pouco contato ao longo de sua vida; por outro lado é muito provável que tenha contato com produções da indústria hollywoodiana, pois esta está maciçamente em nosso cotidiano.

Mesmo que duas horas mensais possa parecer uma quantidade pequena, porém já permite o início da construção imagética desses indivíduos.

Ainda que soe uma quantidade muito pequena, se pensarmos no tempo que nossas crianças e adolescentes estão expostos ao audiovisual veiculado pelas grandes redes de televisão, notadamente nas grandes cidades, assume um contorno de uma tarefa gigantesca, se relativizarmos para o quantitativo expresso pelo ensino básico brasileiro (SANTOS, BARBOSA, LAZZARETI, 2015, p. 36).

Outras consequências positivas de levar o cinema brasileiro às escolas, é que permitirá também a curiosidade de conhecer seus atores, diretores, roteiristas e afins, e esse contato próximo tem maior possibilidade de acontecer com a exibição de filmes; logo, poderíamos criar o diálogo além do filme, e proporcionar na escola um debate sobre as produções filmicas e com isso criar a interação entre produção do filme e alunos. Outros pontos positivos são a possibilidade da democratização do cinema. Com a exibição nas escolas, alunos e comunidade ao entorno terão acesso gratuito a essa mídia.

Além disso, com a exibição de filmes nacionais, temos o compromisso em desmistificar a ideia de que o cinema nacional é ruim, ou de baixo calão. Pois, apesar de muitos pontos positivos, ao serem perguntados

[...] sobre qual a sua visão a respeito do cinema nacional, as respostas contemplaram temáticas referentes aos conteúdos bastante repetitivos, à falta de divulgação, produção pouco atraente em relação às produções estrangeiras, apelo sexual, linguagem vulgar. Nesse ponto, mostra-se claramente que os professores entrevistados ainda têm bastante presente em seu imaginário a concepção do cinema nacional como algo sem qualidade, caracterizado nas obras dos anos das décadas de setenta (CANTON, RECH, PUJOL, OLIVEIRA, 2015, p. 114).

Quando pensa-se sobre as resistências em torno da exibição de filmes nacionais pode-se ressaltar o fato de que muitos ainda têm a ideia de que o cinema nacional é aquele que está sempre ligado á pornografia e violência; apesar desta associação está vinculada através do conhecimento restrito dos filmes nacionais. Filmes monopolizados e fora dos circuitos de festivais.

Muitos ainda são os professores que têm como referências de filmes nacionais obras de baixa qualidade e até inadequadas para o espaço escolar, por razões e explicações diversas. O desconhecimento por parte dos professores da vasta

produção nacional apresentada em festivais e mostras de cinema no país também tem, entre tantas, uma causa possível: a distribuição desigual dos materiais audiovisuais e filmes produzidos no Brasil, o problema do acesso (CANTON, RECH, PUJOL, OLIVEIRA, 2015, p. 111).

Como resistência a estas ideias, devemos pluralizar o cinema nacional, e incentivar a distribuição de filmes independentes, e que são apresentados em festivais; o auxílio da internet tem demonstrado grandes sucesso com filmes brasileiros através dessa questão; como o exemplo do filme indicado ao Oscar de melhor animação “O menino e o Mundo” (2013), que teve seu lançamento em 2013, porém sua divulgação e concorrência ao prêmio apenas ocorreu no ano de 2016. Ou aos sucessos das bilheterias dos filmes “O filme da minha vida” (2017) e “Bingo: O rei das manhãs” (2017). Ou seja, a internet tem ajudado a “descolonizar o cinema brasileiro” (BERINO, 2015, p. 172).

Mas como iremos exibir esses filmes na escola? Essa é uma grande preocupação. Ainda não há uma regulamentação que disponibilize os filmes às escolas. Ou seja, as exposições não são patrocinadas pelas produtoras e afins, ou até mesmo dos governos estaduais e/ou federais, e a disponibilidade dos filmes vem do recurso próprio do professor. Além disso, ainda que a lei esteja em vigor desde 2014, data de sua publicação, não há uma regulamentação sobre quais filmes, e como esses filmes serão distribuídos para essas escolas. Logo, o professor por hora teria que ficar restrito a obras de domínio público, ou seja, obras que atingiram setenta anos após seu lançamento. No ano desse trabalho, filmes anteriores à 1948. Porém, muito pouco foi as produções que sobreviveram ao tempo por conta da falta de valorização brasileira em preservar essas obras, as poucas que sobreviveram, se encontram através de projetos como do Armazém Memória, com a construção da Cinemateca Nacional Brasileira, que criou um catálogo dessas raridades, onde alguns títulos estão disponíveis no Youtube<sup>7</sup>, e a única exigência seria o acesso à internet nas escolas. Mas esse acesso existe?

Uma grande reclamação por parte dos professores é sobre as condições físicas dos ambientes. Falta de projetor, uma sala escura, autôfalantes, acesso a internet de qualidade, entre outros problemas. Problemas que atrapalham a experiência cinematográfica completa. Em alguns casos, a escola disponibiliza a biblioteca para as exposições. Porém a quantidade de informação na sala faz com que o aluno fique disperso e não aprecia o filme como deveria.

---

<sup>7</sup> Disponível no site <http://armazemmemoria.com.br/> e [https://www.youtube.com/channel/UCEPXrSvx0AHS11\\_6pbdFsDQ](https://www.youtube.com/channel/UCEPXrSvx0AHS11_6pbdFsDQ).

Começemos pelas condições físicas de exibição, porque isso interfere diretamente na qualidade de fruição de um filme. Toda escola terá uma sala especial com um bom projetor e som adequado para as pessoas assistirem aos filmes? Ou será que vão assistir aos filmes numa televisão pequena e quase inaudível? Haverá uma verba para a manutenção dos equipamentos disponibilizados? Para a implementação da Lei é necessário que todas as escolas sejam providas de equipamentos adequados para exibição dos filmes, com suporte técnico para uso dos equipamentos e que esses tenham sua manutenção assegurada (PINHEIRO, 2015, p.78).

Outra questão que piora essa condição é sobre a formação de professores. Através dos dados percebe-se que temos uma maioria que não possui leituras sobre cinema ou capacitação nesta área. Abordemos essa questão no capítulo III, porém o que deixamos por hora é que a

[...] aplicabilidade da Lei corresponde à formação de professores que, ao se aproximarem do audiovisual, sentem necessidade de se assenhorar tanto de questões técnicas, necessárias para qualificar as sessões e seus desdobramentos, quanto e, principalmente, do que é inerente ao trabalho sobre as experiências com os filmes (SANTOS, BARBOSA, LAZZARETI, 2015, p. 35).

Esse fato ajuda a confirmar que os alunos, em grande parte, não acreditam no cinema como formador científico, e afirmam a ideia de que aulas que utilizam filmes não são consideradas aulas de verdade, e sim, um entretenimento ou hora de descanso na escola.

Do “não vai ter aula porque é filme”, estando associada a essa fala a ideia de que filme é apenas entretenimento, para o “a aula hoje é o filme”, na qual se amplie a concepção de que os filmes, assim como os livros, são também elementos de aprendizagem, os quais, como nos diz Xavier (2008), “nos fazem pensar” e que precisamos ir dando acesso às crianças e jovens da escola básica e, até mesmo aos alunos de formação de professores da universidade, essa experiência de entender o filme como aula e não como simples entretenimento. Entender que um filme pode ensinar tanto quanto uma leitura, aprendendo a ver e apreciar os filmes, sua linguagem, ampliando suas leituras, é parte dessa aprendizagem (FERNANDES, 2015, p. 100).

Sendo assim, é claramente perceptível que os professores não possuem essa capacitação e, acarretando em tratar o cinema como um momento de entretenimento na escola, o que reflete no comportamento dos alunos, de tratar o cinema somente como uma hora de folga das aulas.

Tendo isso em mente, a lei é obrigatória, então podemos usar o cinema em suas diversas possibilidades se soubermos lidar com essa arte, e não apenas utiliza-lo como uma representação da realidade que foi apresentado anteriormente pelo livro didático, ou seja, apenas uma foto em movimento. Sobre a capacitação, falaremos mais no terceiro capítulo deste trabalho.

## CAPÍTULO II - CINEMA E ESCOLA

*“We don't need no education  
We don't need no thought control  
No dark sarcasm in the classroom  
Teachers leave them kids alone...”<sup>8</sup>*

*(Another Brick in the Wall (Part 2), Pink Floyd, presente no álbum The Wall, de 1979).*

Abordar como a escola tem o papel crucial para a criação de novos cinéfilos, e como a utilização de filmes pode ajudar na compreensão científica, a partir do entendimento do professor nas artes, criando dinamismos e pensamentos em sala de aula através desse encontro.

Um ponto abordado em relação à lei é que temos agora a possibilidade de utilizar um recurso que já é efetivo na casa dos próprios alunos. Ou seja, todos os alunos (ou grande maioria) tem contato com mídias visuais em seu dia a dia (televisão, internet, e outros). Nesse caso temos um recurso que não é atrasado ou sucateado, já que a televisão e a internet sempre se reinventam para atrair antigos e novos públicos, ao contrário da crítica feita à escola, que ainda utiliza de modelos antigos em sua forma de ensino. Sua inovação vem através de

Canais pagos, YouTube ou Netflix, entre outras opções, tornam as pessoas menos dependentes da mídia física do filme para assistir ao que desejam. Ainda que os blockbusters continuem mandando, a diversidade de produção do cinema mundial e do cinema de autor hoje é mais notável (BERINO, 2015, p. 171).

Os alunos gostam de ver filmes, gostam de falar sobre os filmes, e nada melhor que adentrarmos o mundo dos alunos e compreender suas realidades através de seus gostos fílmicos.

Filmes em geral atraem, não são padronizados, é direcionado à seu público, é dinâmico, é feito para chamar a atenção; ao contrário de uma aula. Os filmes se renovam, se reinventam... ao contrário da escola. Vejamos a fala do senador Cristovam Buarque.

A escola é uma coisa hoje muito chata. Nós temos que levar alegria, diversão e isso é a cultura que leva. Cultura é simples. Ensino à maneira tradicional, sem cultura, fica chato e as crianças não aguentam mais. A criança de hoje está muito mais para o audiovisual do que para ao vivo. Ela gosta da tela. Ela cresceu, nasceu vendo as coisas na tela. Então, a tela é atraente. Então vamos colocar cinema. Essa

---

<sup>8</sup> Tradução: Nós não precisamos de educação, não precisamos de nenhum controle, nada de sarcasmo na sala de aula. Professores deixam as crianças em paz.

é a primeira coisa, trazer um pouco mais de alegria, de sintonia da escola com as crianças. (FRESQUET; MIGLIORIN, 2015, p. 6)

O cinema, dentro do Manifesto das sete artes escrita pelo Italiano Ricciotto Canudo em 1923, é considerada a mais recente forma de arte (COVALESKI, 2012), com pouco mais de 100 anos; nova, se compararmos, por exemplo, com outras artes como as esculturas<sup>9</sup>; por esse motivo, muitas vezes o cinema não é levado para tal seriedade, já que muito rapidamente, através de filmes Hollywoodianos, se destacou o cinema não mais como arte, mas também uma forma industrial e de entretenimento. O cinema de arte e o de entretenimento ainda coexiste, porém, a grande massa vai ao cinema com o intuito de diversão e não apreciação artística.

Com o surgimento da televisão, o cinema mudou de rumo. Produções cinematográficas eram feitas para formatos televisivos, e a ida ao cinema se tornou cada vez menos popular. Nos tempos atuais temos plataformas audiovisuais que popularizam o contato com a mídia visual (como o Youtube), e que possibilita o próprio “do it yourself”<sup>10</sup> midiático. As novas tecnologias de informação e comunicação - rede de computadores, câmeras digitais, programas eletrônicos de edição, etc. – fazem com que o fazer cinematográfico passe por essas transformações.

Hoje são incontáveis (nem todas autorizadas...) as possibilidades para um professor mostrar um filme para seus alunos. Vejo que é um desperdício didático e cultural ignorar não apenas as capacidades educacionais do cinema, mas, sobretudo, as facilidades existentes – que se não são absolutas para todas as escolas, são satisfatórias para muitas delas. (BERINO, 2015, p. 169).

Lembrando que essas plataformas são gratuitas, e câmeras digitais que filmam em alta definição são acopladas em celulares comuns. Ou seja, essa rede possibilitou a democratização de pessoas nesse mundo cinematográfico, aumentando sua entrada e a possibilidade de qualquer pessoa (formada em cinema ou não) de criar um filme.

Com a era digital, a disseminação de novas câmeras fotográficas e filmadoras a preços mais acessíveis tem popularizado uma nova relação com a imagem, que é a da produção propriamente dita. Com os celulares multifuncionais, por exemplo, qualquer um tem a condição de deixar de ser espectador para produzir suas próprias imagens. (LEITE, CHRISTOFOLETTI, 2015, p. 41)

Com essas novas realidades cinematográficas na mão de qualquer pessoa, há uma nova forma de contato com tal produção audiovisual, de maneira que a produção

---

<sup>9</sup> A obra de escultura mais antiga conhecida é a Vênus de Willendorf com aproximadamente 24 mil anos, e tinha o intuito de servirem para rituais de adoração de civilizações nômades.

<sup>10</sup> Tradução: Faça você mesmo.

artística do cinema possa ser elaborada por qualquer um, desde que possua e/ou elabore técnicas para tal. Se tivermos a oportunidade para apresentar aos alunos conceitos clássicos do cinema, que junto com essa tecnologia teríamos a produção de pequenos filmes e grandes experimentações. Na sala de aula, temos então a possibilidade do acesso ao cinema de diversas maneiras, tanto vendo, como fazendo; ou seja, o que Glauber Rocha dizia na década de 60, “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, finalmente foi consolidado.

Pensando assim, o cinema é popular, sua forma de fazer é popular, mas não suas técnicas. Pensemos em uma das cenas mais icônicas do cinema, o assassinato de Marion Crane (Janet Leigh) em *Psicose* (1960), dirigido por Alfred Hitchcock.

Vemos a personagem se dirigindo ao banho, porém, o esperado é que a câmera corte para outra ação, já que o banho não é nada importante para um roteiro, mas com a falta deste corte sabemos que algo vai acontecer, mas por quê? Acompanhamos seu banho, com enquadramentos que mostra o chuveiro, outros enquadramentos a personagem, e assim diversas vezes; em certo momento vemos a personagem em um primeiro plano, e uma sombra surgindo atrás da cortina do banheiro, lentamente; a tensão aumenta, a música nos induz ao medo, em um corte rápido vemos a sombra que abre a cortina com uma faca ao punho, a personagem grita, começa a ser esfaqueada, enquanto toca uma música que nos aflige, seu sangue percorre a banheira, ela cai.

Técnicas como essas utilizadas por Hitchcock fazem com que tenhamos sentimentos apresentados pelo filme. Você leitor provavelmente não sentiu aflição ou medo quando descrevi a cena do filme, mas que provavelmente se assistir a mesma cena terá sensações a partir da sua percepção visual. Esse tipo de sentimento só é possível quando estamos lidando com uma linguagem artística, nesse caso a cinematográfica, onde uma série de sons e imagens nos transmitem sensações, sentimentos e afins que o diretor queria passar para seu espectador.

A linguagem cinematográfica permite leituras e significados múltiplos, conforme seus elementos são agrupados desde a concepção do filme, sua estrutura narrativa e montagem. Tempo e espaço são ordenados de acordo com o interesse do realizador da forma como os planos são combinados produz interpretações que dependem do olhar e do repertório do espectador. (STECZ, 2015, p. 144).

A compressão de tais técnicas pelo professor permite tal experiência além da visão de espectador. O professor cinéfilo (assim como iremos chamar) entenderia de tais técnicas, e passaria ao aluno sensações diferenciadas, ou até mesmo, trabalhar em cima das próprias sensações.

[...] o cinema, enquanto arte, nasce da ciência, da relação complexa entre indústria e espetáculo, valendo-se da técnica para construir uma nova estética. Argumentou que jamais houve uma arte tão verdadeiramente democrática como o cinema, tanto pelo coletivismo de sua criação quanto pela popularidade de seu alcance (GUSMÃO, SANTOS, SANTOS, 2015, p. 54).

Um bom exemplo é se pegarmos a mesma cena, e retirarmos o som. Nessa nossa experimentação, não teríamos a mesma aflição; ou se colocarmos outra música, por exemplo, o clássico de Offenbach como “Can Can Music”<sup>11</sup>.

É claro que esse não é o melhor exemplo a ser seguido, porque nosso intuito, e o intuito da lei é a exibição de filmes nacionais, e tal exemplo é de um filme Hollywoodiano, porém, buscando analisar como a técnica cinematográfica possibilitaria novas leituras e experimentações da própria linguagem, e essa linguagem é utilizada em quase todas as produções cinematográficas, estrangeiras ou não e, que quando misturada com a ciência geográfica, poderia possibilitar novas realidades, novos questionamentos, novas geografias.

Devemos pensar também que filmes considerados clássicos, como o exemplo acima, é considerado em sala de aula como “velho”, “lento”, “chato”. Eis o papel do professor então. Tenhamos em mente que não é o filme em si não tem o papel apenas de dar prazer de assistir; essa compreensão superficial e simplista é o que criticamos, pois o importante é fazer o filme instigar pensamentos, e pensar é o grande desafio da escola, não é satisfazer ou agradar, pelo contrário.

A aproximação entre a arte e o belo pode colocar a arte e o cinema em um lugar bastante limitado, reduzindo seu potencial profanador, dissonante e político. No nosso entender, não se trata de colocar jovens em contato com “coisas belas”. O cinema não é o lugar de coisas belas, apenas, mas também do feio, do insuportável, do estranhamento, do perturbador. Se essa equivalência entre o cinema e as “coisas belas” se mantém estamos fossilizando e destruindo a potência disruptiva e inventiva dessa arte. (FRESQUET; MIGLIORIN, 2015, p. 12).

Frente a estes questionamentos, deve-se pensar nas análises que serão feitas nos questionários e buscar compreender na prática “Como os professores e demais envolvidos com a escola entendem o cinema?” Como a maioria entende o cinema como recurso, como facilitador de aprendizagem, pois o filme não é “monótono”. Mas como instigar o pensamento a ser criado vendo um filme de Bergman<sup>12</sup>, por exemplo. Ou a partir do silêncio

---

<sup>11</sup> Para acessar a música: <https://www.youtube.com/watch?v=4Diu2N8TGKA>

<sup>12</sup> Ingmar Bergman foi um cineasta sueco conhecido pelas histórias baseadas pela cultura e sociedade nórdica que fugia de conclusões previsíveis e finais pauteáveis; Sua obra é baseada no existencialismo e questão humana. Um grande exemplo desse diretor é o filme “O Sétimo Selo” (1956) que demonstra a dualidade da fé e questões filosóficas à existência humana (CARMINI, 2017).

e monotonia de outro tipo de filme? Pensar a partir de sentimentos como o estranho, o feio, o mau, o...

### CAPÍTULO III - CINEMA E GEOGRAFIA DA FCT/UNESP

A partir da pesquisa da Rede “Imagens, Geografia e Educação” instigada pela lei 13.006/14, foi realizada pelo GPLG a aplicação de questionários com professores de geografia do ensino básico, de escolas públicas e particulares, da região de Presidente Prudente.

Foram 67 questionários aplicados, sendo 26 respondidos. Dentro esses, destacamos alguns dados mais interessante para esse trabalho.

Por exemplo, cerca de 80% desses professores são formados na FCT/UNESP (vide Gráfico 1), campus de Presidente Prudente (CANDEU, 2017).

Outro dado interessante nesta mesma pesquisa de Candeu (2017) é a falta de formação e/ou leitura sobre cinema. Temos 99% de professores não tem leitura sobre cinema, e 70% nunca fizeram algum curso sobre cinema (Vide Gráfico 2).

Levando ainda em conta que 90% dos professores trabalham filmes em suas aulas.

Portanto, temos então professores de geografia que trabalham com cinema, mas não possuem uma formação ou leituras sobre a linguagem cinematográfica (CANDEU, 2017). Ou seja, trabalham com a visão de um espectador que consome cinema de forma superficial, sem entender de técnicas cinematográficas que possibilitariam uma análise mais detalhada profunda, assim como não se colocam perante a imagem cinematográfica como um elemento potencializador de pensamentos, mas tão somente como ilustrador de conteúdos.

Desta forma, os professores entendem o cinema de sua forma mais simples, sem as características que transforma o cinema como objeto artístico, reduzindo a força do mesmo a uma mera representação de discursos já fixados como verdades pela linguagem científica e institucionalizada da Geografia.

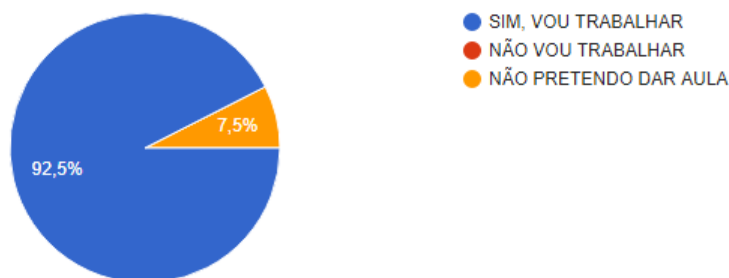
Esse tipo de questão, entre outras, impõe a urgência de se pensar e atuar na formação cinematográfica dos profissionais da escola, seja por meio da incorporação de disciplinas de cinema nos currículos da graduação e em outros níveis de capacitação, seja mediante minicursos, oficinas, criação de cineclubes nos centros de formação, seja por meio da realização de sessões de cinema comentado entre esses profissionais. Seria também muito bem-vinda à formação estética dos professores sua participação em mostras, festivais e ciclos de cinema e/ou em outras tantas atividades com cinema, que desenvolvam suas condições para trabalharem com cinema, que afinem a sensibilidade e ampliem o repertório cinematográfico. (TEIXEIRA, AZEVEDO, GRAMMONT, 2015, p. 87).

Em vista dos resultados da formação de professores de geografia dada pela pesquisa realizada anteriormente, pensamos em ir atrás da fonte primária, buscando a resposta através da perspectiva dos futuros professores de geografia que estão em formação pela FCT/UNESP sobre a utilização do cinema como processo agenciador do pensamento da ciência geográfica em sala de aula, e se esses futuros professores veem importância disto. Eis alguns resultados.

### Gráfico 3 - Pretensão do uso de filmes nas aulas dos alunos de Geografia.

Quando for professor, pretende trabalhar com filmes nas aulas?

40 respostas



Fonte: VOLTARELI, 2018.

A primeira questão abordada é o fato de pensarmos se o cinema é atrativo para o trabalho do professor, e a resposta foi positiva em relação á isso.

Podemos pensar então que se há um interesse em trabalhar o cinema, não deveríamos aprender durante a graduação sobre essa forma artística?

Os dados gerais dos questionários aplicados no Brasil e com ênfase, na cidade de Presidente Prudente- SP, apontam para uma dificuldade de infraestrutura das escolas para a exibição de filmes, de articular em seus projetos pedagógicos a relação dos filmes com os conteúdos das diversas disciplinas, assim como da pouca familiaridade dos professores, no caso de Geografia, no domínio da linguagem cinematográfica, pois a grande maioria acaba restringindo o uso de filmes para ilustrar conteúdos geográficos e não para se pensar outras possibilidades de se trabalhar geografia pelas imagens.

Fazendo assim com que a potência cinematográfica acabe se perdendo nesse processo, levando o aluno a acreditar que o cinema é apenas uma forma de exemplificação

de um conteúdo dado previamente. Tornando assim, no caso da geografia, a simplificação de fenômenos e conceitos dados como verdades geográficas através dessa ação.

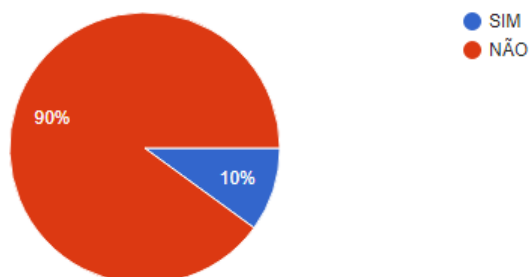
[...] percebemos que eles usam filmes em suas salas de aula, mas na maioria das vezes como um recurso didático. Nesse sentido o filme é usado para introduzir algum novo conteúdo de estudo ou para ilustrar temáticas relacionadas à disciplina em curso. (FRETAS, 2015, p. 93).

Essa simplificação se dá na maioria das vezes pela falta de instrução desses professores ao trabalhar com a linguagem artística, já que no nosso caso, temos a formação somente do conteúdo científico a ser trabalhado. Desta maneira, no questionário perguntamos se esses futuros professores tem a capacitação na área de cinema (cursos, aulas e afins). E a resposta está no gráfico a seguir.

#### **Gráfico 4 - Curso de cinema dos alunos de Geografia.**

Você já fez algum curso sobre Cinema?

40 respostas



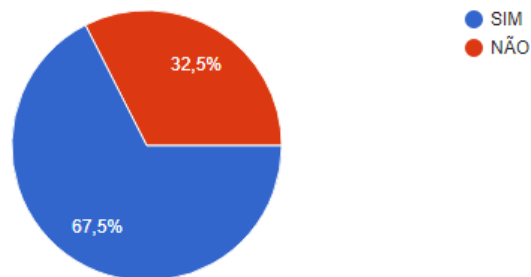
**Fonte: VOLTARELI, 2018.**

Vemos então que não há uma formação dos alunos da licenciatura em geografia em relação às artes (no caso a cinematográfica), logo, não somos aptos a trabalhar a forma artística de maneira integral, e sim com uma visão de espectador; retirando potenciais possíveis quando poderíamos entender mais sobre essa visão artística. Ou seja, vemos nessa comparação uma pequena falha na formação do professor de geografia que gostaria de trabalhar cinema em sala de aula (e que será obrigado, caso se consolide a lei 13.006/14).

#### **Gráfico 5 - Pretensão dos alunos de Geografia em fazer curso sobre cinema.**

## Gostaria de fazer?

40 respostas



Fonte: VOLTARELI, 2018.

No gráfico acima, perguntamos se há o interesse em fazer algum curso sobre cinema. Apesar de essa questão ser a que mais chegou perto das respostas ficarem dentro de 50% cada, ainda há o maior interesse em fazer cursos sobre cinema<sup>13</sup>.

O que nos interessa sobre esse dado é quando cruzamos as informações como gráfico 2. A grande maioria (92%) pretende trabalhar com filme se lecionar, mas 32% não acha necessário fazer alguma capacitação. Isso significa que temos uma visão do cinema como algo simples, como ilustração do conteúdo geográfico. E que apenas pelo fato de ver filmes, o faz capaz de direcionar uma interpretação do mesmo para os alunos.

Para isso é preciso que o profissional da educação tenha mais do que boas intenções na utilização do cinema e do audiovisual em sala de aula. Corremos o risco de, ao desconsiderarmos a especificidade teórica ligada ao universo das imagens e do cinema, despolitizarmos o texto audiovisual e pensarmos esses registros apenas como reflexo de conteúdos a serem tratados. (AMÂNCIO; CHALUPE; SALVATIERRA; et al, 2015, p. 30).

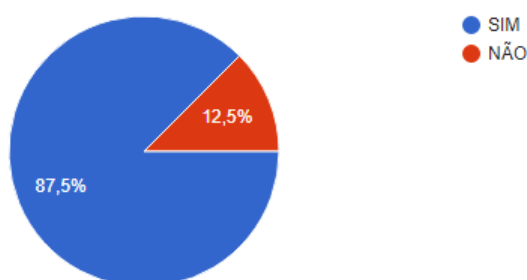
Ou seja, alguns professores interpretam o cinema como algo já dado, fácil, e sem nuances, logo, sem a necessidade de conhecimentos prévios sobre o assunto, ou grandes discussões. Então de onde vem essa ideia de que filmes já são dados em aula? Perguntamos então sobre a sua realidade como aluno.

<sup>13</sup> O grupo de pesquisa Linguagens Geográficas (GPLG) já disponibilizou discussões científicas aberta ao público sobre filmes no ano de 2016, porém esse curso teve uma baixa procura, sendo frequentado apenas por membros do grupo. Não há uma pesquisa sobre o assunto, mas pelas discussões dentro do GPLG, tem a probabilidade de haver uma baixa procura por conta da divulgação restrita, horários não compatíveis, ou o não interesse pela discussão verticalizada.

### Gráfico 6 - Questão sobre o trabalho dos professores da graduação com filmes.

Os professores de graduação trabalham com cinema?

40 respostas



Fonte: VOLTARELI, 2018.

Nesta resposta, quase 90% responderam que sim, professores da graduação trabalham com cinema.

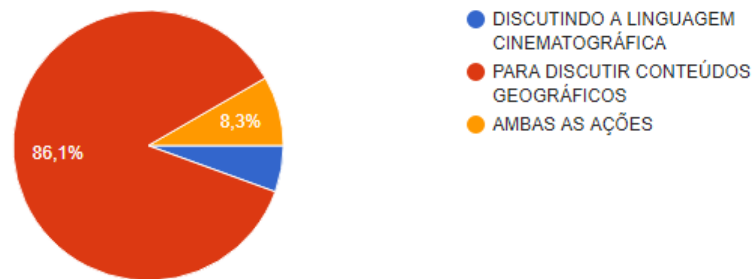
A próxima resposta foi uma questão dissertativa perguntando em quais matérias; e as respostas foram diversificadas; porém há destaque em matérias de humanidades, como Antropologia Cultural, Geografia Urbana, Metodologia em Geografia, entre outros; mas ainda há um destaque maior em disciplinas de História, como História e Movimentos Sociais, História do Brasil e História Contemporânea (Tabela em Anexo).

Duas conclusões podem existir com esse dado. A primeira é sobre a escolha específica desses professores em trabalhar filmes, a outra é que a Geografia ainda não está preparada para a utilização do recurso cinematográfico, já que das 10 matérias mais citadas, apenas quatro é referente á verticalização da Geografia, as outras seis são matérias relacionadas á História, Sociologia, Antropologia e Educação (ANEXO III).

### Gráfico 7 - Objetivos do trabalho com cinema dos professores da graduação.

## Nessas disciplinas os professores trabalham os filmes:

36 respostas



Fonte: VOLTARELI, 2018.

Eis aqui outro dado que queríamos questionar. A linguagem cinematográfica, que nos instiga nesse estudo, se mostra pouco importante para as exibições de filmes nas disciplinas da graduação. Apenas 8,3% dos entrevistados responderam que há uma correlação entre as linguagens cinematográficas e discussão de conteúdos geográficos, que é o que procuramos disseminar com esse trabalho.

Analisando os dados percebe-se que temos 86.1% dos entrevistados respondendo que a linguagem cinematográfica é utilizada apenas para a discussão de conteúdos geográficos, ou seja, não utilizam do potencial cinematográfico para a discussão científica.

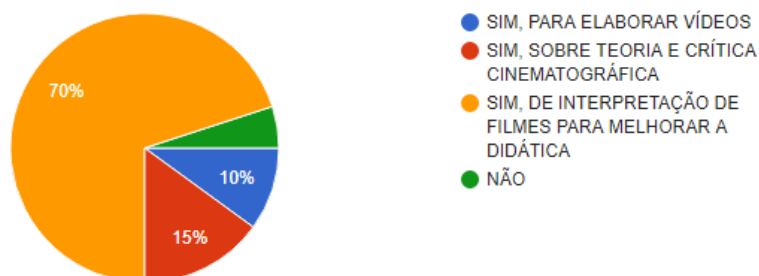
[...] a importância da experiência estética com o cinema – ou, com um tipo específico de cinema – e apontam para a reflexão sobre a relação entre cinema e educação. Defendemos a inserção do cinema no currículo escolar como uma experiência efetivamente artística, congruente com a formação estética audiovisual inscrita no campo da educação transformadora. (MAYOR, MIRANDA, 2015, p. 137).

Voltando então á essa discussão, sobre a forma de utilizar o cinema; de forma simplória, e sem grandes análises fílmicas. Tais dados apresentados nos instiga a correlacionar que essa ideia de que os professores de geografia em formação utilizam do cinema como exemplificação de conteúdos geográficos, pode ser construída a partir de exemplos vistos do trabalho dos professores da graduação, ou sua formação anterior no ensino básico.

## Gráfico 8 - Sobre a necessidade de cursos sobre cinema na universidade.

Acha necessário o curso de Geografia da FCT ter atividades voltadas para o domínio da linguagem cinematográfica?

40 respostas



Fonte: VOLTARELI, 2018.

Nesse gráfico temos uma clara visão de simplificação do recurso cinematográfico pelos estudantes. Ainda há o pensamento de que o Cinema é feito para a utilização de imagens como exemplificação de conteúdos em sala de aula. Talvez por pensar em repetir o que veem desde sempre, tanto na graduação, como em experiências anteriores a esse tipo de metodologia.

Essa questão nos lembra de um trabalho discutido por Flaviana Nunes, onde houve um trabalho sobre as questões de territorialidades a partir de fotografias com professores de geografia e alunos do ensino básico. E a primeira questão apontada pela autora foi a padronização de uma geografia maior através desses registros. Sua dificuldade maior foi sobre a seguinte questão:

[...] dos alunos em selecionar fotos que tivessem estética diferente daquela mais habitual, informativa e mimetizada ao olhar. Ou seja, a estética informativa-documental se mantém, apesar de várias discussões terem sido feitas visando apontar outras possibilidades para a fotografia. Porque isto se dá? Seria a força da escola, onde somente fotos documentais são vistas em livros e murais? Seria a força da necessidade de comunicar? Seria a única maneira deles, alunos, se sentirem usando a fotografia? Ou seja, se fugissem desta estética, digamos, realista, estariam deixando de realizar alguma destas coisas: a escola, a comunicação do espaço (pensado como extensivo e nítido a todos), a fotografia? Em outras palavras, o que bloqueia os alunos? A educação, a concepção de espaço, a ideia de fotografia? A ideia de verdade ou realidade? A concepção de professor? (OLIVEIRA JR, FERRAZ, GIRARDI, 2013, p. 27).

Os dados dos 10% que querem elaborar vídeos é o que devemos focar. Discutir cinema é aprender a criar pensamentos espaciais. Daí usar de alguns exemplos em escolas, vide o trabalho de Cristiano Barbosa (2017), pois instiga o domínio de novas tecnologias de capacitação e edição de imagens pelos alunos, instigando um conhecimento geográfico a partir da própria criação; onde o autor e alunos colocam-se á pensar a cartografia através do

[...] movimento de experimentar novas relações com o espaço a partir da produção de um filme documentário em uma escola, com o propósito de provocar abalos, mesmo que pontuais, nas concepções de espaço predominantes que circulam nos contextos escolares, normalmente alinhadas ao pensamento cartesiano e que, na sua maioria, consideram somente suas dimensões estritamente extensivas (BARBOSA, 2017, p. 12).

Um passo que devemos atingir, já que além de analisar filmes, teríamos a construção de filmes a partir dessa geografia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"And in the end the love you take is equal to the love you make."*<sup>14</sup>

*(The End, The Beatles, presente no álbum Abbey Road de 1969).*

Sabemos que o cinema está na realidade dos alunos de forma quase que “natural”, e nada mais justo que utilizar de tais condições que nos instiga a se pensar outras perspectivas da linguagem geográfica, assim, trabalharmos teorias e conceitos de maneira que facilite o entendimento e o dinamismo da aula, ou seja, pensar o cinema como processo agenciador do pensamento espacial, não ser apenas um adendo facilitador, mas um componente criador.

O cinema não pede nada em troca, mas, quando estamos abertos a ele, talvez precisemos autorizar a desordem que o cinema pode causar nos processos subjetivos e pedagógicos. Se retiramos esses riscos de ter o cinema na escola, esvaziamos sua potência como objeto de arte que representa e inventa mundo. (FRESQUET, MIGLIORIN, 2015, p. 8).

A escola tem o papel crucial para desestabilizar as formas usuais e entendidas como únicas da relação ensino/aprendizagem. Alguém ensinando verdades já consolidadas e inquestionáveis a serem reproduzidas, sem criatividade, por aqueles que serão ensinados.

O cinema proporciona uma rasura nesse cenário e coloca em deriva essa concepção, por instigar novas relações técnicas, afetivas e intelectuais de criação de conhecimento, tanto pela potência das imagens que chegam a quem as olha como pela possibilidade de se criar cinema na própria escola como forma de expressar novas perspectivas e pensamentos sobre o mundo, vide o exemplo de Barbosa (2017), com seu trabalho na escola.

Ou seja, a utilização de filmes pode ajudar em “metodologias” criadas pelo professor a partir da dinâmica que melhor se encaixaria em sala de aula para uma troca de vivências entre esse encontro.

Pensando assim, demonstramos a possibilidade, nesse estudo prévio, de termos a necessidade de formação de um “geógrafo cinéfilo”, que poderá ajudar na sua própria didática em sala de aula. Desta maneira, necessitamos, como já foi dito nesse trabalho, o

---

<sup>14</sup> Tradução livre: E no final, o amor que você recebe é igual ao amor que você distribui.

apoio de toda a comunidade cinemática, com a possibilidade de disponibilidade dos filmes, equipamentos e discussões adequadas sobre tal nessas exibições.

Há também a necessidade do professor obter a capacitação em relação ao cinema, para que esse exercício não seja somente um “não vai ter aula, hoje é filme”.

Tais questionamentos se articulam com a questão da formação dos professores e do lugar do professor nesse processo político de educação. Que lugar é este do professor? Aquele que oferta a realidade neutralizada e quer entender as sensações (realidade intensiva, corporificada)? A que ambiguidades as obras em imagens têm levado os professores? Que devires docentes elas têm proporcionado naqueles que se aventuram a se utilizar delas em suas próprias criações para e com os alunos? (OLIVEIRA JR, FERRAZ, GIRARDI, 2013, p. 30).

Essa capacitação pode ser de responsabilidade da formação de professores através das universidades, já que o licenciado em geografia sai do curso sem uma noção prévia do trabalho com o cinema, negligenciando suas potencias possíveis para o ensino; além de que, grande parte desses licenciados gostariam ou trabalham com filmes em suas aulas, porém, apenas como uma ilustração do conteúdo já trabalhado. Ou seja, o cinema servindo apenas de apoio de conteúdos já trabalhados através de métodos convencionais, e não como uma forma de pensar, elaborar, e cientificar a linguagem artística que está presente nesses frames.

Criar não a partir do nada, mas a partir do já existente, da mistura, do trazer tudo o que já está aí e encontrar entre isto outras conexões que façam com que estas imagens e linguagens entrem em deriva [...] (OLIVEIRA JR, FERRAZ, GIRARDI, 2013, p. 16).

A obrigatoriedade da lei nos faz pensar de que maneira seria melhor em utilizar o cinema, a ponto de proporcionar um melhor dialogo e novos significados á ciência. Já que agora, temos duas horas mensais de cinema nacional para esses alunos, então nós, licenciados, devemos abraçar o compromisso da utilização do filme para o aprendizado; aprendizado esse que virá de diversas maneiras, proporcionado pelo cinema, e que cabe a nós intermediar esse dinamismo científico.

Esse instigador de pensar diferente a própria diferença, ali em acontecimento, em experimentação, é um exemplo do elemento provocador que articula o diverso da Rede, mas não no sentido de uma resposta, mas mais de múltiplas perguntas e questionamentos. [...] (OLIVEIRA JR, FERRAZ, GIRARDI, 2013, p. 26).

O resultado do formulário já era um resultado esperado. Por conta da facilidade de conhecer o cinema, e seu trabalho em sala de aula não demonstra toda a potencia que essa linguagem artística proporciona.

As diferenças estavam e estão colocadas. As imagens informam, representam, mas também instauram o pensar e o próprio ato de pesquisar. Por elas e com elas podemos delinear linhas de ações teóricas e políticas capazes de nos instigar para além do já dado e do clichê. Pelas imagens as artes se colocam como potências para novas linguagens científicas e filosóficas, para outras geografias possíveis em outros processos de educação necessários (OLIVEIRA JR, FERRAZ, GIRARDI, 2013, p. 37).

Para isso, conscientizemos que o cinema é importante sim, e é importante conhece-lo a fundo para que o trabalho com o mesmo seja completo. E essa conscientização está em todos os níveis, na comunidade escolar, professores formados, professores em formação, cineastas, críticos, entre outros. Porém nosso papel é de tentar trabalhar em cima dessa realidade. Não temos a garantia de que irá mudar a partir desse trabalho, porém um tijolo já está colocado.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AMÂNCIO, A C; CHALUPE, H; SALVATIERRA, E. et al. Novos desafios frente à Lei 13.006/14. In: FRESQUIET, A. (Org.). **Cinema e educação - a lei 13.006**. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, p. 26-31.

BARBOSA, C. **O espaço em devir no documentário**: cartografia dos encontros entre cinema e escola. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, 193f, 2017.

BERINO, A. A Escola diante do cinema nacional: uma narrativa. In: FRESQUIET, A. (Org.). **Cinema e educação - a lei 13.006**. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, p. 167-176.

BRASIL. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, Brasília, DF, out 2009. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 04 de dez. de 2017.

BRASIL. LEI Nº 13.006, DE 26 DE JUNHO DE 2014. **Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de**, Brasília, DF, jun 2014. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113006.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113006.htm)>. Acesso em: 04 de dez. de 2017.

CANDEU, G. N. S. **Capacitação de professores e funcionários do ensino básico para o trabalho com cinema nacional na escola pública municipal de Presidente Prudente**. Relatório de pesquisa. Presidente Prudente: CNPq/UNESP, 2017.

CANTON, F. R; RECH, I; PUJOL; M. S; OLIVEIRA, V. F. de. Ruídos na tela... O cinema e a obrigatoriedade nas escolas. In: FRESQUIET, A. (Org.). **Cinema e educação - a lei 13.006**. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, p. 108-117.

CARMINI, C. **Para entender Bergman (ou começar)**. Disponível em: <[http://obviousmag.org/archives/2013/01/o\\_existencialismo\\_de\\_bergman.html](http://obviousmag.org/archives/2013/01/o_existencialismo_de_bergman.html)> Acesso em 30 de nov. de 2017.

COVALESKI, R. L. Artes e comunicação: a construção de imagens e imaginários híbridos. **Galaxia**. São Paulo, Online, n. 24, p. 89-101, dez. 2012. Disponível em: <[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=25&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjP0Yy8g\\_HXAhXCQpAKHcB5AC44ChAWCGwwDg&url=https%3A%2F%2Frevistas.pucsp.br%2Findex.php%2Fgalaxia%2Farticle%2Fdownload%2F8218%2F9413&usq=AOvVaw3FmF43XxR5Aa28B7ktDr7t](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=25&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjP0Yy8g_HXAhXCQpAKHcB5AC44ChAWCGwwDg&url=https%3A%2F%2Frevistas.pucsp.br%2Findex.php%2Fgalaxia%2Farticle%2Fdownload%2F8218%2F9413&usq=AOvVaw3FmF43XxR5Aa28B7ktDr7t)> Acesso em 04 de dez. de 2017.

EUZÉBIO, A. L. P. **A Paisagem em Godard**: análise e considerações a partir de "O Demônio das Onze Horas". Monografia (Bacharel em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 37f, 2017.

FERNANDES, A. H. “A professora disse que hoje não vai ter aula e que é filme” – A obrigatoriedade de filmes e o cineclube como acesso formativo aos filmes: Um desafio a

partir da legislação. In: FRESQUIET, A. (Org.). **Cinema e educação - a lei 13.006**. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, p. 99-107.

FERRAZ, C. B. O. Imagem e geografia: considerações a partir da linguagem cinematográfica. **Espaço & Geografia**, v. 15, n. 2, p. 357-384, 2012.

\_\_\_\_\_. **Memória e política cultural**: considerações geográficas a partir da fronteira. Cadernos de Estudos Culturais, v. 5, p. 35-51, 2013.

FERRAZ, S. Deleuze, música, tempo e forças não sonoras. **Artefilosofia**. Ouro Preto: n.9, p. 67-76, out. 2010.

FRESQUET, A; MIGLIORIN, C. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14. In: FRESQUIET, A. (Org.). **Cinema e educação - a lei 13.006**. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, p. 4-22.

FRETAS, M. T. de A. O cinema na formação de professores: uma discussão. In: FRESQUIET, A. (Org.). **Cinema e educação - a lei 13.006**. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, p. 92-98.

GALLO, S. **As múltiplas dimensões do aprender**. Florianópolis: Congresso de Educação Básica: Aprendizagem e Currículo, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012. Disponível em <[http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13\\_02\\_2012\\_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf)> Acesso em 30 de nov. de 2017.

GUSMÃO, M. S; SANTOS, R. C; SANTOS, M. K. Processos de formação pelo cinema, entre trajetórias, planos e redes: Em que medida o passado nos impacta e nos inspira? In: FRESQUIET, A. (Org.). **Cinema e educação - a lei 13.006**. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, p. 51-65.

MAYOR, A. L. S; MIRANDA, C. Fronteiras do imaginário: Cinema-poesia nas escolas de educação básica. In: FRESQUIET, A. (Org.). **Cinema e educação - a lei 13.006**. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, p. 132-139.

LEITE, C. D. P; CHRISTOFOLETTI, R. Pra que cinema? O que pode o cinema na educação e a educação no cinema? Fronteira de encontros. In: FRESQUIET, A. (Org.). **Cinema e educação - a lei 13.006**. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, p. 40-50.

OLIVEIRA JR., W M. Combates e Experimentações: singularidades do comum. In: FERRAZ, C. B. O; NUNES, F. G. (Org.). **Imagens, Geografias e Educação**: intenções, dispersões e articulações. Dourados: Editora UFGD, 2013, p. 303-314.

\_\_\_\_\_. O que seriam as geografias de cinema? **Revista TXT – leituras transdisciplinares de telas e textos**. Belo Horizonte: Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão A tela e o Texto da UFMG, n.2, s/p, 2005. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/atelaetexto/revistatxt2/wenceslao.htm>> Acesso em 12 de mai. De 2014.

OLIVEIRA JR, W. M; FERRAZ, C. B. O; GIRARDI, G. Percursos na Diferença: um ano e quarenta e cinco pessoas. In: FERRAZ, C. B. O.; NUNES, F. G. (Org.). **Imagens, Geografias e Educação**: intenções, dispersões e articulações. Dourados: Editora UFGD, 2013, p. 13-40.

PINHEIRO, J. E se eu assistir a duas horas de filme brasileiro por mês na escola? In: FRESQUIET, A. (Org.). **Cinema e educação - a lei 13.006**. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, p. 77-79.

SANTOS, M. A. dos; BARBOSA, M. C. S; LAZZARETI, A. À luz da lei. In: FRESQUIET, A. (Org.). **Cinema e educação - a lei 13.006**. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, p.32-39.

SILVA, C da. **Ensino, geografia e cinema**: Apontamentos a partir de “Uma história de amor e fúria”. Relatório de pesquisa. Presidente Prudente: CNPq/UNESP, 2017.

STECZ, S.S. Cinema na escola: muitos desafios no horizonte. In: FRESQUIET, A. (Org.). **Cinema e educação - a lei 13.006**. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, p. 140-148.

TEIXEIRA, I, A de C; AZEVEDO, A L F; GRAMMONT, M. J. O cinema pela escola: aproximações à lei 13.006/2014. In: FRESQUIET, A. (Org.). **Cinema e educação - a lei 13.006**. Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produções, 2015, p. 82-91.

VOLTARELI, J. P. **Linguagens geográficas**: Outros sentidos espaciais em A Hard Day's Night. Relatório de pesquisa. Presidente Prudente: CNPq/UNESP, 2016.

## **REFERENCIAL FILMOGRÁFICO (em ordem cronológica)**

O SÉTIMO SELO (Det sjunde inseglet). Dirigido por: Ingmar Bergman. Suécia. P&B, 96 min. 1957.

PSICOSE (Psycho). Dirigido por: Alfred Hitchcock. EUA. P&B, 109 min. 1960.

O MENINO E O MUNDO. Dirigido por: Alê Abreu. Brasil. Cor. 95 min. 2013.

BINGO: O REI DAS MANHÃS. Dirigido por: Daniel Rezende. Brasil. Cor. 113 min. 2017.

O FILME DA MINHA VIDA. Dirigido por: Selton Mello. Brasil. Cor. 113 min. 2017.

## ANEXOS

### ANEXO I

Caro professor

Cara professora

Essa entrevista tem como objetivo principal entender as relações existentes entre cinema e escola nas práticas docentes dos professores de geografia de diversas partes do Brasil, tendo em vista a aprovação da lei 13.006 que, uma vez regulamentada, tornará obrigatória a exibição de, no mínimo, duas horas de cinema nacional nas escolas brasileiras.

Sobre isso, inclusive, foi publicado um material bastante interessante, organizado pela Rede Kino – Cinema e Educação, que está disponível na internet no link:

[http://www.cineop.com.br/Livreto\\_Educacao10CineOP\\_WEB.pdf](http://www.cineop.com.br/Livreto_Educacao10CineOP_WEB.pdf)

Agradecemos muito sua participação

Rede Internacional de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”

Data:

1.

Cidade onde trabalha: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_

Gênero/sexo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Anos de docência: \_\_\_\_\_

Grau de ensino em que trabalha atualmente:

Ensino Fundamental – sexto ao nono ano ( )

Ensino Médio ( )

Universidade/faculdade onde estudou:

\_\_\_\_\_

Possui alguma pós-graduação? Sim ( ) - Não ( ) – Incompleta ( )

2.

Escreva uma frase sobre as relações entre escola e cinema.

---

---

3.

Gosta de cinema? Sim ( ) – Não ( )

Quais os tipos de filmes você prefere assistir? (Marque quantas opções forem necessárias, indicando a ordem de importância 1, 2, 3, 4...)

( ) Ação ( ) Animação ( ) Bíblico ( ) Comédia ( ) Documentário

( ) Drama ( ) Guerra ( ) Musical ( ) Policial ( ) Western

( ) Outro.

Quais? \_\_\_\_\_

4.

Gosta de cinema brasileiro? Sim ( ) – Não ( )

Cite alguns filmes brasileiros que viu (indicando a ordem de importância 1, 2, 3, 4...):

---

---

---

5.

Já leu algum livro sobre cinema? Sim ( ) – Não ( )

Qual?

---

Já fez algum curso que falava em cinema? Sim ( ) – Não ( )

Qual? \_\_\_\_\_

6.

Costuma passar filmes na escola? Sim ( ) – Não ( )

Se sim, o local onde passa os filmes é (Marque quantas opções forem necessárias, indicando a ordem de importância 1, 2, 3, 4...):

Sala de aula ( ) Sala de vídeo ( ) Sala de informática ( ) Pátio ( )

Outro

---

7.

Como seleciona os filmes que exhibe na escola? (Marque quantas opções forem necessárias, indicando a ordem de importância 1, 2, 3, 4...):

Entre os que você viu e gostou ( )

Entre os compartilhados por professores em redes sociais ( )

Por indicação direta de outro professor ( )

Por indicação dos alunos ( )

Por ter lido em algum material sobre o filme ( )

Em alguma reunião na escola ( )

Outro ( ) Qual?

---

8.

De onde são os filmes que utiliza na escola? (Marque quantas opções forem necessárias, indicando a ordem de importância 1, 2, 3, 4...):

De sua propriedade ( )

De propriedade da escola ( )

De propriedade de outra instituição pública ( )

Qual? \_\_\_\_\_

Aluga filmes em locadora ( )

Da internet ( )

Outros:

---

9.

A escola possui um acervo de filmes? Sim ( ) – Não ( )

Com quantos filmes:

---

Há filmes brasileiros entre eles?

Quantos:

---

Cite alguns:

---

---

10.

Quais os motivos que levam você a passar filmes na escola? (Marque quantas opções forem necessárias, indicando a ordem de importância 1, 2, 3, 4...):

Porque o cinema é uma maneira de ampliação cultural dos alunos ( )

Porque é um momento de entretenimento para os alunos ( )

Porque você gostou e quer que seus alunos também o veja ( )

Porque traz um conhecimento importante, mesmo que desvinculado da geografia ( )

Porque é um momento de descanso para você ( )

Porque o cinema amplia a sensibilidade artística ( )

Porque o cinema amplia a sensibilidade crítica ( )

Porque é um filme brasileiro e, como tal, auxilia a conhecer o Brasil ( )

Porque se vincula a algum conteúdo específico de geografia ( )

Outros motivos:

---

11.

Quais filmes você usa para trabalhar quais conteúdos ou temas de geografia

Filme: \_\_\_\_\_.

Conteúdo: \_\_\_\_\_

Filme: \_\_\_\_\_.

Conteúdo: \_\_\_\_\_

Filme: \_\_\_\_\_.

Conteúdo: \_\_\_\_\_

Filme: \_\_\_\_\_.

Conteúdo: \_\_\_\_\_

12.

Como você usa os filmes na escola? (Marque quantas opções forem necessárias, indicando a

ordem de importância 1, 2, 3, 4...)

- Passa o filme inteiro
- Passa vários trechos de um mesmo filme
- Passa só um trecho que interessa
- Passa trechos de vários filmes
- Outro. Qual?

---

13.

O que dificulta você usar mais o cinema na escola?

---

---

---

14.

O que facilitaria a maior frequência e constância dos filmes de cinema na escola?

---

---

---

15.

Que filmes brasileiros você já utiliza na escola

---

---

---

16.

Quais outros filmes brasileiros você gostaria de utilizar?

---

---

---

## ANEXO II

### QUESTIONÁRIO DA PESQUISA CINEMA NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE A LEI 13.006/14 E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA NA FCT/UNESP

Este questionário visa levantar dados sobre o trabalho com cinema no curso de Geografia da FCT. O objetivo é contribuir com propostas para melhorar a formação do geógrafo, principalmente o licenciado.

1) Ano do curso que frequenta:

1º ( ) 2º ( ) 3º ( ) 4º ( ) 5º ( )

2) Participa de algum grupo de pesquisa?

( ) SIM ( ) NÃO

3) Se SIM, qual? \_\_\_\_\_

4) Seu grupo de pesquisa trabalha com cinema?

( ) NÃO TRABALHA COM CINEMA

( ) SIM, SEMPRE

( ) SIM, ALGUMAS VEZES

5) Se sim, o trabalho com filmes ocorre:

( ) COM A DISCUSSÃO SOBRE A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

( ) PARA MELHOR ENTENDER O CONTEÚDO GEOGRÁFICO OU DA PESQUISA

( ) AMBAS AS AÇÕES

6) Em quais disciplinas de graduação os professores trabalham com cinema?

( ) Nenhuma disciplina trabalha com cinema

Disciplina(s) que trabalha(m) com cinema:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7)Nessas disciplinas os professores trabalham os filmes:

(        ) DISCUTINDO A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

(        ) PARA DISCUTIR CONTEÚDOS GEOGRÁFICOS

(        ) AMBAS AS AÇÕES

7)Você conhece a lei 13.006/14? (A lei torna obrigatória a exibição de 2hs mensais de cinema nacional em todas as escolas)

(        ) SIM (        ) NÃO

8)Quando for professor, pretende trabalhar com filmes nas aulas?

(        ) NÃO PRETENDO DAR AULA

(        ) SIM, VOU TRABALHAR (        ) NÃO VOU TRABALHAR

9)Se SIM, como pretende escolher os filmes? (indique até DUAS alternativas)

(        ) FILMES QUE ILUSTREM CONTEÚDOS GEOGRÁFICOS

(        ) FILMES DE FÁCIL ENTENDIMENTO

(        ) FILMES QUE OS ALUNOS INDICAREM

(        ) PELO TEMPO DE DURAÇÃO

(        ) OUTROS MOTIVOS. QUAIS?

---

---

10)Qual a maior dificuldade para trabalhar cinema na escola?

---

---

11) Qual(is) filme(s) você mais gosta?

---

---

12)Qual(is) filmes você entende como geográfico(s):

---

---

13) Você já fez algum curso sobre Cinema?

(        ) SIM (        ) NÃO

14) Gostaria de fazer?

(        ) SIM (        ) NÃO

15) Acha necessário o curso de Geografia da FCT ter atividades voltadas para o domínio da linguagem cinematográfica? (escolha uma alternativa)

(        ) NÃO

(        ) SIM, PARA ELABORAR VÍDEOS

(        ) SIM, SOBRE TEORIA E CRÍTICA CINEMATOGRAFICA

(        ) SIM, DE INTERPRETAÇÃO DE FILMES PARA MELHORAR A DIDÁTICA

### ANEXO III

TABELA DE DISCIPLINAS QUE TRABALHAM COM CINEMA E QUANTAS VEZES FOI MENSIONADA NA PESQUISA

MATÉRIA	PESSOAS
História Contemporânea	20
História e Movimentos Sociais	17
História do Brasil	13
Geografia Urbana	9
Antropologia Cultural	9
Metodologia em Geografia	8
Sociologia	7
Estágio Supervisionado	5
Espaços Rurais	4
Geografia Humana	4
Recursos Naturais	4
Geografia do Brasil	4
Psicologia	3

Geografia Rural	3
Espaços Industriais	3
História da Educação	2
Planejamento Territorial	2
Biogeografia	2
Geopolítica	1
Climatologia	1
Espaços Urbanos	1
Geografia Econômica	1
Planejamento Regional	1
Gerenciamento de Recursos Hídricos	1
Geologia	1
Geografia Física	1